

## *Patrimônio Cultural de Nilópolis - RJ como documento/ monumento da saga judaica no século XX: Relatos de um projeto em construção*

*Cultural heritage of Nilópolis - RJ as a document/monument of the jewish saga in the 20<sup>th</sup>  
century: reports of a project under construction*

Elis Regina Barbosa Angelo<sup>1</sup>  
Isabela de Fátima Fogaça<sup>2</sup>

---

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo caracterizar a saga da comunidade judaica no Município de Nilópolis, e a construção de seu território cultural, relatando os primeiros passos e desafios da experiência do projeto “Recuperação da Sinagoga *Tiferet* Israel em Nilópolis – RJ”, para a valorização do patrimônio cultural. Como metodologia, optou-se pela pesquisa bibliográfica de caráter exploratório e pela descrição da experiência, com vistas a uma análise qualitativa. A imigração judaica deixou marcas significativas na formação do Brasil e do povo brasileiro, um patrimônio cultural que deve ser recuperado e valorizado, especialmente em áreas como as cidades da Baixada Fluminense, tão castigadas pelas desigualdades socioterritoriais, podendo ser uma estratégia de elevação da autoestima dessas populações e de valorização de suas riquezas histórico-culturais.

**Palavras-chave:** Imigração judaica.

Sinagoga *Tiferet* Israel. Nilópolis – RJ.

**Abstract:** This article aims to characterize the saga of the Jewish community in the Nilópolis City and the construction of its cultural territory, and to report the first steps and challenges of the project “Recovery of the *Tiferet* Israel Synagogue in Nilópolis – RJ” for the valorization of cultural heritage. As a methodology, we opted for bibliographic research of an exploratory nature and for the description of experience, with routes to a qualitative analysis. Jewish immigration bequeaths significant marks in the formation of Brazil and the Brazilian people, a cultural heritage that must be recovered and valued, especially in areas such as the cities of Baixada Fluminense, so punished by socio-territorial inequalities, which can

---

<sup>1</sup> Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Docente no Curso de Bacharelado em Turismo e no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade (PPGPaCS) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). *E-mail:* [elis@familiaangelo.com.br](mailto:elis@familiaangelo.com.br).

<sup>2</sup> Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp – Rio Claro). Docente no Curso de Bacharelado em Turismo e no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade (PPGPaCS) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). *E-mail:* [isafog@hotmail.com](mailto:isafog@hotmail.com).

be a strategy to raise the self-esteem of these populations and to enhance their historical-cultural wealth.

**Keywords:** Jewish immigration. *Tiferet* Israel Synagogue. Nilópolis – RJ.

## Introdução

Conceituar patrimônio cultural se tornou complexo, na medida em que se encontra numa tensão entre identidades demandadas por grupos, coletividades e heranças, ora forjadas, ora autênticas, de gerações que tratam de bens materiais e imateriais como tradições geracionais e dignas de preservação.

Partiremos, nesta reflexão, do movimento de conservação apoiado na assimilação feita por Françoise Choay (2001), que identificou, a partir da Revolução Francesa, a ameaça aos monumentos absolutistas, favorecendo o que se pode chamar de “invenção de estratégias políticas de preservação”.

Nessa linha e ideologicamente pensando em manter a história “viva”, as estratégias de preservação histórica da Monarquia francesa culminaram nas primeiras ações efetivas de conservação do passado. Esse passado, muitas vezes escravizador, classista, elitista, esmagador das classes subalternas da história das sociedades, passa a ser reverenciado com o *status* de preservação dos monumentos, alegorias e fatos que construíram a história dos vencedores a partir da perspectiva benjaminiana.<sup>1</sup>

Poulot (2009, p. 14) afirma que, no Ocidente, formam-se três imaginários que dão voz e legitimidade aos patrimônios, seguramente forjados num processo dinâmico de fases como “lugar da pessoa pública, em particular, a figura do rei, o lugar da história edificada, o lugar da identidade cultural.”

A partir dessa constatação, grupos diversos vêm ocupando lugar na definição e escolha de suas marcas, gerações e referências culturais do passado, percebendo que essa herança é capaz de redimir sua relação com os processos globais e identificar, em meio ao todo, as diferenças que lhe cabem no processo de identificação de sua cor, raça, religião e atributos que possam construir suas identidades culturais. E, desses grupos, há o movimento de busca por legitimar essas identidades a partir de seus patrimônios culturais.

Com essa premissa e dentro das perspectivas de integração entre Ensino, Pesquisa e Extensão, o Programa de Pós-Graduação em Patrimônio, Cultura e Sociedade (PPGPaCS) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) foi demandado pela Secretaria de Turismo do Município de Nilópolis, na Região

Metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, Brasil, a assumir a coordenação de um projeto capaz de recuperar a Sinagoga *Tiferet* Israel, localizada na região central do Município.

A partir desse contato, foi iniciada uma jornada de encontros, visitas, conversas, intenções e redes de pesquisa que pudessem dar conta do ponto de partida que foi a organização do projeto de pesquisa e extensão “Recuperação da Sinagoga *Tiferet* Israel em Nilópolis – RJ”.

Nesse sentido, este artigo tem como objetivo central caracterizar a saga da comunidade judaica no Município de Nilópolis, a construção de seu território cultural, e relatar os primeiros passos e desafios da experiência do projeto de pesquisa e extensão “Recuperação da Sinagoga *Tiferet* Israel em Nilópolis – RJ”, para a recuperação e a valorização do patrimônio cultural.

Como metodologia, optou-se pela pesquisa bibliográfica de caráter exploratório e pela descrição de experiência, com vistas a uma análise qualitativa, também foram mantidos diálogos com membros da comunidade e identificados alguns vestígios memoriais, como fontes importantes de reflexão.

Assim, este artigo se divide em três partes: na primeira, apresentamos uma breve contextualização da diáspora judaica até chegarmos à imigração do século XX ao interior do Estado do Rio de Janeiro; na segunda parte, alcançamos Nilópolis em nossa discussão, e apresentamos a saga da comunidade judaica para a constituição de um território cultural naquele Município; e, por fim, relatamos a experiência resultante do projeto “Recuperação da Sinagoga *Tiferet* Israel em Nilópolis – RJ”, de modo a discutir sobre os desafios apresentados na construção de projetos coletivos e os possíveis encaminhamentos até o momento conquistados.

## **A comunidade judaica no Brasil e no Estado do Rio de Janeiro**

Os estudos sobre a diáspora judaica,<sup>2</sup> na perspectiva da imigração ao Brasil, relatam um significativo crescimento no pós-guerra, apesar de outros momentos em que o fenômeno dos deslocamentos desse grupo étnico se deu na história do País, formando um vestígio importante na construção da saga judaica em Estados como o Rio de Janeiro.

A partir das referências postuladas sobre a imigração (FAUSTO, 1997), com a perspectiva no que decorreria posteriormente, ao que Lesser (1995) denomina de “questão judaica”, até meados dos anos 40, o movimento expressa aspectos tanto da diáspora quanto dos deslocamentos dos grupos pelo Brasil e

pelo mundo, não como uma unidade, mas como formas de migração do grupo em movimentos distintos que se entrelaçam em determinados objetivos e ações políticas, ideológicas e mesmo religiosas.

As motivações e inúmeras circunstâncias pelas quais a imigração judaica do século XX, disseminaram judeus pelo mundo, estão ligadas a fatores historicamente concentrados. A exemplo, algumas correntes apontam o “antissemitismo” de forma generalizante, todavia, essa premissa, criticada pela valorização genérica, não dá conta das lacunas sobre as motivações específicas dos processos migratórios dos inúmeros grupos espalhados pelo mundo, mas, grosso modo, culmina na tentativa de esclarecer a disseminação pela Europa e pelos demais territórios entre guerras, e, especificamente, no Brasil.

Segundo reflexões sobre essas lacunas, motivações e expressões sobre as especificidades da imigração judaica ao Brasil, René Daniel Decol (1999) corrobora a ideia de que há equívocos nos estudos que permeiam a periodização – como o estudo feito sobre as divisões em temporalidades como Colônia, Império e República nesses processos. De acordo com Decol (1999, p. 6), “essa periodização ignora a grande imigração em massa, que inicia a partir do século XIX, quando, desenvolvimentos tecnológicos permitiram a transposição definitiva de cerca de 40 milhões de pessoas para a América”.

Apesar da emigração judaica ter produzido, desde 70 d. C., a conhecida dispersão de judeus pelo mundo, formando inúmeras comunidades, durante os séculos XIX e XX, compreende-se um número significativo de saídas ainda a serem mapeadas e investigadas.

Conforme consta em estudos sobre a imigração judaica, houve dificuldades em identificar as levas de entrada, a partir da lógica da imigração múltipla, pois, vinham de dezenas de países em fluxos distintos (AVNI, 1992). Dos números compreendidos, aproximadamente, 70% da população judaica da Europa e do Oriente Médio, que emigrou para a América, tem-se um panorama de entradas e assentamentos nos Estados Unidos, na Argentina e no Brasil.

Mesmo com uma multiplicidade de localidades de origem, espalhadas por diversos países, as motivações de saídas e mesmo da dispersão desses grupos são, na maioria das vezes, concatenadas à ideia de opressão econômica e política. De acordo com Luz (2011, p. 25), “os asquenazitas (Europa Oriental), apesar da emancipação no século XIX, sofriam constantes ataques antisemitas, principalmente os que habitavam a região do antigo Império Russo”.

No Estado do Rio de Janeiro, os judeus chegaram em diversas fases e se instalaram desde na capital até no interior, formando grupos bem-organizados, com sinagogas aparelhadas, expressões e marcas significativas na história do Brasil. De acordo com Benyoself

Apesar da existência, bem documentada, da presença de israelitas no interior do estado do Rio de Janeiro desde a primeira metade do século XIX, somente nas primeiras décadas do século seguinte elas constituíram comunidades organizadas. Nas primeiras correntes imigratórias, logo depois da abertura dos portos em 1808, havia predominância de sefarditas vindos do norte da África, especialmente do Marrocos; enquanto as correntes asquenazitas chegavam provenientes, em maioria, da França, Inglaterra e Prússia (Alemanha). Somente a partir das duas primeiras décadas do século XX, chegaram em grande número imigrantes do leste europeu e orientais do Líbano e da Síria. Apesar da maioria preferir a capital, alguns se instalaram no interior e assim surgiram as primeiras comunidades israelitas do estado do Rio de Janeiro, especialmente em Campos, Nova Friburgo, Niterói, Petrópolis e Teresópolis, entre outras. Eram comunidades bem organizadas, constituídas por idealistas que tiveram apogeu na segunda metade do século passado (2009, p. 148).

Assim, conforme Benyoself (2009), as famílias que chegavam ao Rio de Janeiro se deparavam com a organização dos grupos e das propostas de instalação e assentamento em territórios a serem explorados, como é o caso de Nilópolis, na Baixada Fluminense, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Muitos dos judeus que saíram de seus países de origem, vinham carregados de indicações a serem levadas ao rabino no Brasil, que, de certa forma, orientaria como e onde seria a sua vida no País. Esse foi o caso das primeiras famílias a se assentarem em Nilópolis, que vinham para o Rio de Janeiro e eram orientadas a compor novos territórios.

Na chegada dos judeus a Nilópolis, um panorama se entrecruza na dificuldade de levantar detalhes das famílias e precisar, especificamente, cada chegada à localidade, pois, esse cenário possui lacunas documentais e orais de difícil apreensão histórica, haja vista os vestígios e mesmo as dificuldades em apreendê-los (GOLDMAN *apud* LONDON, 1999).

Segundo Ribeiro (2011, p. 1), na região central do Rio de Janeiro, mais especificamente na praça Onze, os judeus se organizavam e se encontravam

para socializar, corroborando a “preservação e a manutenção de suas cultura e identidade na cidade. Sinagogas, escolas, clubes, lojas, e restaurantes consolidaram essa ocupação, tornando o espaço representativo de uma determinada cultura”.

Herbert Quaresma Soares (2014, p. 65) apresenta que os judeus do Rio de Janeiro, que se alojavam próximos da praça Onze, “chegaram a Nilópolis após a construção da estação ferroviária, atraídos pela propaganda de mobilização ao progresso em Nilópolis”. Pairava, ali, a referência de construção de uma vida mais cômoda e com espaços mais amplos, de uma comunidade organizada.

Assim, da organização dos grupos judaicos na região de Nilópolis, sabe-se que, a fim de manter as tradições judaicas, era necessária a construção de uma sinagoga, centro comunitário e ensino religioso, daí um rabino era designado a cumprir esses preceitos e desempenhar a função de estruturar a comunidade.

Portanto, diante da complexidade numérica, acrescentada a impossibilidade de garantir que os judeus tenham chegado a levas e não em “momentos da história do País”, esses marcaram a demografia brasileira e demonstraram significativos reflexos na história, na política, na cultura, na economia e na religião do País (DECOL, 1999), o que busca se recuperar e valorizar a partir do projeto “Recuperação da Sinagoga *Tiferet* Israel em Nilópolis – RJ”.

### **A Sinagoga *Tiferet* Israel em Nilópolis – RJ: organização documental do acervo a ser ressignificado**

A questão, que cerca o imaginário social sobre as vivências e marcas deixadas pelas cidades na sua construção, além de referenciar representações culturais que refletem as relações dos sujeitos e da cidade, no que tange à preservação de sua memória imigrante, também identifica aspectos encontrados a partir desses grupos como memórias vivas.

A Sinagoga *Tiferet Israel*, localizada em Nilópolis – RJ, e mesmo o cemitério Comunal Israelita de Nilópolis, identificam o grupo de referência na cidade. Edificada no prédio da estrada geral Mena Barreto, 196, fundos, a Sinagoga Israelita é considerada um marco relevante da história dos judeus na Baixada Fluminense, especialmente no Município de Nilópolis, onde se encontra fisicamente instalada. Teve seu tombamento instituído pelo Decreto Municipal n. 2.440, de 19 de agosto de 1999, que dispõe sobre os tombamentos de bens considerados históricos, artísticos e culturais, consonante às disposições legais, amparado pelo parágrafo

1º, do art. 216 da Constituição Federal (CF/88) e no Decreto-lei n. 2.428, de julho de 1999, sob o processo administrativo n. 4.192, de 1999.

Nessa confluência e, dentre as marcas desse grupo étnico-religioso do Município de Nilópolis, os registros evidenciam cerca de 300 famílias que ali se instalaram, no início do século XX (SOARES, 2014). Dados dos arquivos da Secretaria Municipal de Cultura corroboram a linha de pensamento de que esses grupos formaram uma colônia, de forma similar aos *Shtetl*, na qual as aldeias judaicas da Europa Oriental se estruturavam.

Com a vinda dos judeus, houve significativa contribuição ao crescimento urbano de Nilópolis, especialmente, no que tange à sua organização comercial, ainda em formação à época. De acordo com London (1999, p. 40), em meados dos anos 90, Nilópolis acabou por formar uma comunidade.

A partir de 1914 os judeus que chegavam ao Porto do Rio passaram a ter mais uma opção de vida ao lado dos generosos trilhos da Central do Brasil: Nilópolis. Mas Nilópolis não foi apenas uma réplica da Praça Onze. Pouco a pouco uma comunidade foi se formando a partir dos contratos assinados no cartório de Júlio de Abreu (LONDON, 1999, p. 40).

Os grupos se formavam ao redor da sinagoga e se agrupavam como células judaicas (LONDON, 1999). Na rua onde se instalou a sinagoga de Nilópolis, os judeus se organizaram a partir de um cenário expressivo de referências de seus costumes e tradições, que incluía, além do tempo religioso, “a escola de ensino complementar judaica, a biblioteca, o clube, os açougues e outras vendas de produtos *kosher*, o *shochetim* (um tipo de profissional encarregado de abater os animais para consumo das famílias de acordo com o ritual judaico), além das lojas e dos artesãos” (RAPOSO, 2014, p. 4).

O rabino Isaias Raffalovich,<sup>3</sup> representante da *Jewish Colonization Association* (JCA)<sup>4</sup> no Rio de Janeiro/Brasil, foi um dos iniciantes da manutenção da cultura judaica em Nilópolis, a partir da construção da sinagoga para os eventos religiosos que já aconteciam nas casas dos judeus que iam se instalando na cidade. De acordo com Soares,

Raffalovich percebendo esse grande número de judeus que migravam para a primeira estação fora dos limites da cidade resolve fomentar a criação de uma comunidade fixa. Em rigor, para cada colônia fundada, fornecia um professor, um rabino e um *shoichet* (magarefe),

caso o rabino não pudesse preencher também essa tarefa. Havia também um administrador local da JCA que cuidava de todos os assuntos de seu interesse e procedia a cobrança, pois a terra não era dada ao colono, mas era vendida a um preço módico e para pagamento a longo prazo (2014, p. 65).

Assim, em cooperação e organização, os judeus se uniam para administrar a comunidade, fornecendo subsídios, como casa e demais instalações, além de todo instrumental necessário para o assentamento da sinagoga, tornando-se referência à imagem da cidade.

A rua Mena, onde se construiu a sinagoga, ficou conhecida como a rua dos judeus, pois, além da concentração religiosa, tinha como palco as ações e identidades ali postas formatando o espaço num território cultural (SOARES, 2014, p. 65).

Era interessante o funcionamento da rua, pois, abrigava, além das alfaiatarias, vendas, armazéns “especialistas em arenque, *cashe* (cereal comestível), *ygerikes* (pepinos em conserva), *cusberer vursht* (salame *cashe*, próprio para consumo judaico)” (LONDON, 1999, p. 68). Havia ali, de acordo com London (1999), cerca de sete alfaiatarias, nas quais seus donos trabalhavam de manhã à noite, desempenhando todas as atividades do ofício.

Outros comércios da rua Mena Barreto como padaria, drogaria, casa de tecidos e roupas de cama, gráfica, serralheria, um botequim e sapatarias formavam um desenho típico da comunidade, em casas onde os judeus trabalhavam e moravam nos fundos. Portanto, segundo London (1999, p. 40), Nilópolis era “uma cidadezinha onde judeus gostavam de morar e se sentiam em casa. Facilidade de comunicação em *íidiche*, lojas de proprietários judeus que, muitas vezes, nas tardes livres, tornavam-se pontos de encontro de amigos e conhecidos, centrais de informações e intrigas”.

Famílias que viriam a compor a comunidade, por meio dos judeus, já instalados, eram informados sobre a vida cotidiana, próspera na localidade, e se preparavam para a vinda ao Brasil, considerando já ter uma comunidade em Nilópolis.

Esses judeus, especificamente advindos da região da Polônia, Ucrânia, Lituânia, Bielorrússia, Bavária, Rússia e, alguns, da Alemanha, tinham uma saga de enfrentamentos e dificuldades de toda espécie, pois carregavam, além do idioma *íidiche*, um legado de histórias de horror, uma vez que “[...] em mais de um século

de czarismo, o judaísmo sempre foi uma preocupação em cada governo, havendo, de certa forma, momentâneos períodos de suavização, os quais se ofuscam perante a evidente supremacia do antissemitismo” (SOARES, 2014, p. 28).

Segundo Nicolaiewsky (1975, p. 11), o movimento nacionalista russo tinha o intuito de declarar guerra às minorias nacionais que não tinham, na prática, a religião oficial cristã-russa-ortodoxa. Essa premissa levava os poloneses, finlandeses e judeus a se submeterem às suas regras e trazia punição aos demais. “Os primeiros porque eram católicos e falavam polonês; os segundos porque praticavam a igreja evangélica-luterana e falavam o finlandês; e os israelitas, porque processavam a religião de Moisés”.

Com a atuação do Império Russo, a história dos judeus enfrentou ainda mais situações de adversidade, com punições severas e todo tipo de leis impeditivas. De acordo com Soares (2014, p. 24), “pode se dizer que, até o fim do século XVIII, as massas judaicas se localizavam, principalmente, na região que hoje abrange a Crimeia, a Ucrânia, a Rússia Branca (Bielo-Rússia), Polônia e Lituânia”.

Assim, para esses grupos e guetos que foram confinados nas regiões periféricas, a sinagoga era um refúgio, o que acabou fomentando tanto a solidariedade étnica quanto a própria sobrevivência judaica, pois, unidos, conseguiam sobreviver às mazelas a eles inculcadas. No Brasil,

a comunidade judaica foi formada em grande parte por imigrantes judeus de origem polonesa e russa, pertencentes ao grupo dos asquenazitas, maior contingente de imigrantes judeus para terras brasileiras. Pode-se perceber que o deslocamento desses judeus para o Brasil ocorreu especialmente na conjuntura do período entreguerras, sendo motivado pelas circunstâncias trágicas trazidas pela Primeira Guerra Mundial, que deixavam famílias inteiras diante do dilema da emigração. No entanto, ao longo dos anos 1930, devido a propagação das ondas antissemitas na Europa, cresceu o número de judeus que deixaram o ‘velho continente’ fugindo das perseguições e da intolerância religiosa, buscando novas terras onde pudessem (re)construir suas vidas. E a região em que mais tarde haveria de surgir a cidade de Nilópolis, foi um dos locais privilegiados por esses emigrantes (RAPOSO, 2014, p. 3).

Assim, apesar de não se ter o número exato de judeus oriundos da região da Polônia, relatos identificam como a maior motivadora da expulsão dos judeus

da Europa nesse movimento de imigração ao Brasil e ao Rio de Janeiro, foram as ondas antisemitas, concentrando o grupo em Nilópolis.

A presença judaica em Nilópolis teve êxito por mais de 60 anos, favorecendo a união e a partilha das relações religiosas e socioculturais da comunidade, bem como a construção de um patrimônio edificado. De acordo com Soares (2014), os judeus participaram ativamente da vida social, cultural e política da cidade, inclusive com membros ocupando cargos eletivos na gestão municipal. “A Sinagoga Tiferet Israel centralizava o exercício da fé judaica, fomentando o equilíbrio espiritual e mantendo viva a tradição através dos ensinamentos da Torá e hebraico, atividades culturais, fala do idioma ídiche numa religiosidade etnicizada” (SOARES, 2014, p. 78).

No final do século XX, a população judaica, aos poucos, foi se afastando de Nilópolis e migraram à capital do Estado, provavelmente, por razões socioeconômicas em busca de melhores condições de vida, uma vez que a região da Baixada Fluminense passou a sofrer com as desigualdades territoriais, com as deficiências em infraestrutura e urbanos e poucas oportunidades de trabalho, levando a se configurar como uma área com sérios problemas de segurança pública, mesmo Nilópolis sendo considerada uma das cidades com melhor qualidade de vida na região. Soares (2014) denominou esse processo como “diáspora judaica de Nilópolis”, pois

com as sucessivas emigrações, houve um tempo em que não havia mais um rabino, nem mesmo um chazan, pessoa contratada para officiar as orações e, não se tinha mais o serviço prestado de nenhum dos três shoichet que havia na rua dos 81 judeus. Com isso, tornou-se uma tarefa muito difícil manter a tradição judaica sem todo suporte que antes houvera (SOARES, 2014, p. 80-81).

E esse cenário favoreceu que as marcas dos judeus na região da Baixada Fluminense e seu patrimônio edificado ficassem, aos poucos, abandonados, como ocorreu com a sinagoga *Tiferet* Israel que, segundo Soares (2014), teve sua última sessão em 1984, sendo observado, nos últimos anos, o furto de seu mobiliário e deterioração de sua estrutura, apesar das tentativas de recuperação.

Na atualidade, de acordo com pesquisas realizadas para esta investigação e suas ações de extensão há, aproximadamente, o remanescente de dez famílias judias ainda vivendo no Município.

## Os primeiros passos na construção coletiva do projeto de recuperação da Sinagoga *Tiferet* Israel em Nilópolis – RJ: desafios e considerações preliminares

Ao iniciar as negociações para o projeto de “Recuperação da Sinagoga *Tiferet* Israel em Nilópolis – RJ”, considerou-se a “tecnologia social” como metodologia capaz de culminar na articulação e interação com a comunidade para a produção de sentidos junto com o objeto de pesquisa, e que representasse efetivas soluções de transformação social e precisas, em termos de colaboração, para a salvaguarda da memória, levando em conta tradições, saberes e as realidades histórica, econômica, social e cultural.

De acordo com o Instituto de Tecnologia Social (ITS/BRASIL) (2004, p. 26), a tecnologia social é o “conjunto de técnicas, metodologias transformadoras, desenvolvidas e/ou aplicadas na interação com a população e apropriadas por ela, que representam soluções para inclusão social e melhoria das condições de vida”.

Assim, a fim de compor uma proposta que atendesse às demandas dos grupos interessados – ou seja, a comunidade étnico-religiosa de judeus que ainda reside no Município de Nilópolis, aproximadamente, 10 famílias na contemporaneidade, e na região da Baixada Fluminense e metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, como um todo, e equipes técnicas das Secretarias de Cultura e de Turismo do Município, que têm como objetivo cuidar da coisa pública, favorecer a democratização e valorização da cultura naquele território, e, ao mesmo tempo, pensar em estratégias de estruturação de espaços atrativos para o desenvolvimento de setores produtivos ao Município e seus municípios, favorecendo a geração de emprego e renda, como, por exemplo, o turismo, portanto, vislumbrando o uso turístico desse patrimônio após recuperado. Foi necessário organizar uma equipe capaz de proporcionar a recuperação do espaço em si, a renovação física do edifício degradado e, também, do seu entorno, e com uso conflitante à conservação e valorização desse patrimônio, e lidar com todos os tipos de conflito que um projeto desafiador como esse pode apresentar.

Foi, então, que se organizaram encontros com os convidados das mais diversas formações e competências, como: arquitetos, artistas plásticos, historiadores, turismólogos, bacharéis em Direito e demais técnicos capazes de formatar um projeto executivo de restauro, recuperação e uso posterior desse patrimônio. Processo que demandou vários encontros, negociações, convencimentos, entre outros.

Com a equipe formada, caminhou-se rumo à primeira proposta de pesquisa e extensão que culminou com a ideia de promoção de subsídios técnicos, teóricos e práticos para a elaboração desse projeto de recuperação da sinagoga *Tiferet Israel* de Nilópolis. Nessa perspectiva, e, compreendendo o território construído na cidade de Nilópolis, previu-se além da pesquisa – que engloba o inventário e o planejamento da recuperação física da edificação – a criação de propostas sobre o intercâmbio do patrimônio com o cenário e produção urbanística da cidade. Uma proposta que favorecesse a interação com a religião e com as práticas socio-religiosas e culturais judaicas, como expressão da memória da cidade.

Em especial, buscamos estabelecer as possíveis relações entre o ambiente construído e o acervo de memória (lugar), enquanto território cultural de produção de sentido para a história e memória coletivas da região, por meio das marcas e expressões que fizeram parte e são referência nas representações culturais locais.

Assim, começamos a convidar pesquisadores que tivessem *know-how* sobre os temas intrinsecamente relacionados aos judeus e à recuperação estrutural de patrimônios histórico-arquitetônicos, expandindo a equipe e tentando organizar as etapas seguintes.

A partir desses objetivos, caminhamos no intuito de garantir a execução coletiva na articulação da pesquisa, compreendendo o tripé universitário entre Ensino, Pesquisa e Extensão, a fim de corroborar a construção de tecnologias sociais que produzissem conhecimento, participação e colaboração das partes envolvidas.

Para isso, sua execução foi dividida em duas frentes, não necessariamente consecutivas, na qual a primeira corroborou a organização do Ensino e Pesquisa, em que a coordenação do projeto realizou reuniões técnicas para discussão de detalhes das etapas e procedimentos: construção de instrumento de coleta de dados; roteiros de entrevistas e fichas de campo; trabalho de campo e aplicação dos instrumentos de coleta de dados; organização de oficinas/fóruns; bem como da discussão teórica de conceitos fundamentais ao projeto; tratamento e análise de dados; elaboração de relatórios e material de divulgação (artigos, apresentações, etc.).

Assim, na primeira frente, como apoio ao Ensino foram previstas e executadas as reuniões de qualificação da equipe. Essas reuniões foram iniciadas em encontros mensais em que se discutiu a elaboração do projeto e as metodologias de pesquisa e de organização de ações participativas. Processo que vem sendo contínuo, pois, configura desde intenções de cada agente envolvido (agentes do Poder Público da

cultura e do turismo, da sociedade e comunidade judaicas) e visitas preliminares para levantamento de dados primários na confecção do projeto.

Como resultado da frente de pesquisa, construiu-se tanto a memória física da edificação, que compreende a análise das condições atuais (das características arquitetônicas remanescentes, da ambiência, das legislações vigentes, planialtimetria e mapeamento de danos, que é a produção do plano de intervenção em si), quanto da memória coletiva junto à comunidade judaica naquele Município e, em especial, sobre a sinagoga, que, em um primeiro momento, subsidiaria o restauro de algumas das características da edificação e de seu entorno, e em um segundo momento o projeto de uso do patrimônio, posterior à intervenção física.

Na segunda frente, a de extensão propriamente dita – a execução das atividades na comunidade –, houve a organização de encontros participativos (oficinas e fóruns) com a comunidade, tanto judeus e seus descendentes, quanto agentes culturais e do Poder público municipal.

Sem dúvidas, essa segunda frente foi a que apresentou os maiores desafios para a execução do projeto. Em plena pandemia da Covid-19, decretada pela Organização Mundial da Saúde, em fevereiro de 2020, essa articulação e mobilização sociais teve de tomar o formato digital, o que retardou o processo, uma vez que parte do público-alvo não tinha familiaridade e se sentia à vontade para se expressar e participar no formato virtual.

Além do exposto, foi o momento em que também se identificaram conflitos sobre os interesses de uso do espaço após a intervenção física de recuperação da sinagoga, uma vez que parte da comunidade judaica, apesar dos inúmeros anos de abandono da edificação, havia pretensões de retomada do uso religioso do espaço, por outro lado, o Poder Público buscava um uso mais democrático da edificação que se tornou uma referência cultural à população local e a regional como um todo, não se limitando aos descendentes de judeus que ainda ali residiam ou adeptos aos mesmos costumes religiosos.

Nesse sentido, o grupo representado pela universidade intermediou a negociação de modo que tanto a memória coletiva do grupo étnico fosse destacada e valorizada, quanto o uso mais democrático, com foco educacional e de turismo cultural, fosse possível, viabilizando o investimento de recurso público no projeto.

Assim, após as tratativas, foi definido que tanto a intervenção física, quanto o projeto de uso posterior do patrimônio devem ser conduzidos de modo a instituição de um centro de memória judaica de toda a comunidade da Baixada Fluminense, parte da região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, com a

perspectiva da construção de um circuito de memoriais da cultura judaica do Estado do Rio de Janeiro, em parceria com o memorial já instituído no Município de Vassouras e, em construção, no Município de Campos dos Goytacazes.

Na fase final da construção do produto do projeto, que engloba o plano coletivo de intervenção, as etapas vão sendo fomentadas de forma colaborativas, a fim de, coletivamente, trazer a proposição das necessidades, usos e aplicações para os rumos da sinagoga *Tiferet Israel* de Nilópolis.

## Algumas Considerações

A proposta deste trabalho versou sobre a saga da comunidade judaica na construção de um território cultural no Município de Nilópolis e sobre um projeto de recuperação de sua sinagoga que se encontra em estado de deterioração interna e externa, num *status* de abandono.

De fato, a imigração judaica deixou marcas significativas na formação do Brasil e do povo brasileiro, especialmente, marcas que demonstram os inúmeros desafios que aqui essa comunidade enfrentou, sua superação e influência na formação do povo brasileiro, uma população multicultural. Um patrimônio cultural que deve ser recuperado e valorizado, especialmente em áreas como as cidades da Baixada Fluminense, tão castigadas pelas desigualdades socioterritoriais, podendo ser uma estratégia de elevação da autoestima dessas populações e de valorização de suas riquezas histórico-culturais.

Alcançar uma proposta de recuperação que seja assente no propósito de patrimonialização requer não apenas um mapeamento histórico e memorial, mas uma base de intenções de variados grupos que possam gozar da satisfação do ressignificar daquele edifício, carregado de sentidos e significados para a comunidade judaica, para a região e para a história da imigração, haja vista não apenas os interesses, mas a formação do Brasil e de suas inúmeras referências culturais que formam seu patrimônio cultural.

Os primeiros resultados dessa colaboração e participação, efetivamente, expuseram a ideia de criação de um centro de memória da cultura judaica de toda baixada fluminense, privilegiando não somente Nilópolis, mas toda região, envolvendo, inclusive, comunidades de cidades como Belfort Roxo, onde há indícios de vivências judaicas no passado, e também outros que possam fortalecer a ideia de compartilhamento de informações, documentos e memórias dessas vivências e de traços físicos que corroborem a ideia de ressignificação cultural.

Outro aspecto levado em consideração foi a união de esforços com projetos já efetivados sobre as pequenas comunidades, como as de Vassouras e de Campos de Goytacazes, onde as comunidades estão sendo favorecidas pela criação de centros de memória, alinhados à ideia de cooperação, exemplo e modelo que possa servir de inspiração, dessa forma, estreitamos os laços com os proponentes institucionais que possam servir de apoio a essa empreitada.

A construção de um projeto coletivo e participativo é sempre um grande desafio nas relações sociais, pois que apresenta a necessidade de articulação e tratativas, mas necessário à produção de sentido, especialmente no que tange à recuperação, conservação e uso do patrimônio. Assim, a experiência aqui relatada visa a instigar a multiplicação de projetos como este, a valorização do patrimônio e a disseminação da cultura à sociedade.

## Referências

---

AVNI, Haim. *Jews in Latin America. The Contemporary Jewish Dimension*. In: AMUAR. (org.). *Judaica latino-americana: estudos histórico-sociais*. Jerusalém: Hebrew Univ. Press, 1988.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

BENYOSELF, Luís. As pequenas comunidades israelitas do Estado do Rio de Janeiro, passado e presente. In: LEWIN, H. (coord.). **Judaísmo e modernidade**: suas múltiplas interrelações Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. p. 166. ISBN: 978-85-7982-016-8. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org>. [on-line].

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade; Unesp, 2001

DECOL, René Daniel. **Imigrações urbanas para o Brasil**: o caso dos judeus. Tese (Doutorado em Fil. e Ciên. Human. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, em 1999, Campinas, 1999.

FAUSTO, Boris. **Histórias da Imigração**: Negócios e Ócios. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ITS BRASIL. Instituto de Tecnologias. **Caderno de Debate** – Tecnologia Social no Brasil. São Paulo: ITS, 2004.

LESSER, Jeffrey. **O Brasil e a questão judaica**: imigração, diplomacia e preconceito. Tradução Marisa Sanematsu. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1995.

LONDON, Esther. **Vivência judaica em Nilópolis**. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

LUZ, Márcio Mendes da. **Abençoados aqueles que vêm: imigração e beneficência judaica em São Paulo (1900-1950)**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. História Social. Campinas, SP: Unicamp, Campinas, 2011.

NICOLAIEWSKY, Eva. **Israelitas no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Garatuja, 1975.

PAUL, André. **O judaísmo tardio**: história política. São Paulo: Ed. Paulinas, 1983.

POULOT, Dominique. **Uma história do Patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI**: do monumento aos

valores. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

RAPOSO, Fernanda Capri. Nilópolis e as memórias judaicas. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras e Ciências Humanas). Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades, Universidade do Grande Rio Professor José de Souza Herdy. Duque de Caxias, 2012.

RIBEIRO, Paula. memórias, culturas e experiências urbanas: judeus na praça Onze, no Rio de Janeiro. In: **Anais** [...] SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo:

**Anais** [...] são Paulo: Anpuh, julho, 2011.

SOARES, Herbert Quaresma. Sinagoga abandonada: história, etnicidade e identidade judaica em Nilópolis – RJ. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

SZUCHMAN, Esther. Identificação/ identidade: linguagem, história e memória na condição judaica. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras). – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

## Notas

---

1. A base fundamental de Benjamin (1996) é escrever a história a contrapelo, ou seja, sob o ponto de vista dos vencidos e contrapondo a tradição do vencedor.

2. Diáspora judaica segundo André Paul, deve ser percebida como a dispersão dos judeus fora da Palestina, estabelecidos de forma consistente e que vivam sob dupla autoridade, a de Estado e a do Templo. “A dispersão de Israel ou a diáspora correspondia, desde então, ao ‘querer divino’ que era ‘reunir todos os povos’. Uma verdadeira teoria da diáspora como ‘disseminação’”. (PAUL, 1983, p. 101).

3. Rabino Isaias Raffalovich foi um idealizador da construção de uma comunidade organizada em Nilópolis.

4. Entre as soluções pensadas para que a comunidade judaica pudesse sanar os problemas enfrentados pela emigração judaica ao redor do mundo, ou, ao menos, melhorar suas condições de vida, estava a criação de entidades que os ajudassem a assentar judeus em várias partes do País. Decol (1999, p. 12) cita entre estas entidades a *Jewish Colonization Association*, “uma entidade de caráter filantrópico especializada em resolver o ‘problema judeu’ implantando colônias agrícolas, primeiro na Rússia czarista, depois na Argentina, e, finalmente no Rio Grande do Sul”.